

Na cidade : 3 mezes, 300
reis. Fora da cidade : com
acrescimo das estampilhas.
Anuncios : na primeira
vez 20 reis por linha. Na
repetição 10 rs.

O BRADO LIBERAL

Na typographia d'esta fo-
lha, rua Nova de Sousa,
n.º 45.

Direcção jornalística, rua
das Aguas, n.º 84.

SEMANARIO BRACARENSE ANTI-REACCIONARIO,
HABILITADO NA FÓRMA DA LEI.
PUBLICA-SE A'S SEXTAS FEIRAS.

NUMERO 9.

SEXTA FEIRA 31 DE JULHO DE 1874.

ANNO I.

O BRADO LIBERAL.

É hoje o anniversario quadragesimo oitavo do juramento solemne da Carta Constitucional da monarchia portugueza.

Outorgou á nação este codigo das instituições fundamentaes, em 29 do Abril de 1826, o soberano illustrado D. Pedro de Bragança, então imperador do Brasil, na qualidade de successor legitimo d'el-rei D. João VI. — Tinha fallecido este monarcha em 10 de Março do mesmo anno, ás 4 horas e 40 minutos da tarde.

Em 27 d'Abril, dois dias antes da outorga d'este codigo, tinha D. Pedro IV concedido uma amnistia geral aos portuguezes perseguidos por opiniões politicas, fosse qual fosse a natureza d'ellas, ou elles se achassem prèzos ou proscriptos.

São grandiosos ambos estes actos magestáticos de D. Pedro de Bragança, precedidos tambem d'outro igualmente grandioso em 25 de Março, dois dias tambem antes da amnistia. — Foi este acto o da confirmação da regencia nomeada por seu augusto pae em 6 de Março, quatro dias antes de baixar á mansão dos mortos entre os tumulos dos seus avós — e foi este o primeiro acto magestoso do successor legitimo do rei fallecido, apenas chegara ao Rio de Janeiro a noticia official do mesmo fallecimento.

Após a outorga da Carta Consti-

tucional da monarchia portugueza, de que é hoje festejado aqui em Braga o anniversario quadragesimo oitavo do juramento solemne, proveu D. Pedro IV á reunião das côrtes e á nomeação dos pares, e ao mais que do Brazil lhe era possivel ordenar n'este intuito, a fim do liberalismo florir entre nós desassombrado e vigoroso.

Contava então 7 annos d'idade a augusta filha herdeira de D. Pedro IV, a princeza do Gran-Pará D. Maria da Gloria, em quem o augusto Moyses do seculo XIX abdicara depois a coroa de Portugal em 2 de Maio, como ainda depois abdicara a coroa do Brazil em seu augusto filho D. Pedro d'Alcantara, em 7 de Abril de 1831.

O facho do liberalismo, accêzo no Porto com brilho em 24 d'Agosto de 1820, refulgir para logo com igual fulgor no solo do Brazil.

Elevado ao solio de Portugal D. Pedro IV, em 19 de Março de 1826, não escapou á sua elevada penetração a evolução caracteristica do nosso seculo.

Acatando-a e perfilhando-a, foi ella que o levou á outorga da Carta Constitucional da monarchia portugueza, de que fôra portador do Rio de Janeiro para Lisboa Sir Carlos Stuart, o negociador do tractado da independencia do Brazil.

Dando então D. Pedro IV a Portugal o codigo fundamental do paiz,

deu-lhe quanto então podia dar-lhe de constitucionalismo. — Não podia então conceder mais á nação, nem a nação podia então aspirar a mais n'uma epocha de transição social.

Hoje, saudando como saudamos as Tábuas da Lei da nossa alforria liberal, no dia anniversario do seu juramento solemne em 1826; faltariamos á nossa missão de jornalista consciencioso em 1874, trahindo os nossos deveres de liberal sincero e franco, se não proclamássemos aqui a insufficiencia actual do mesmo codigo fundamental do paiz.

N'esta epocha d'aspirações amplas de liberalismo — n'esta quadra da evolução calorosa de progresso — não satisfaz a Carta Constitucional da monarchia portugueza ás necessidades sociaes do tempo.

É mister por isso reformal-a d'accordo com o seculo. — É mister exararem-se n'ella ao sabor da epocha, em artigos explicitos e luminosos, todos os triumphos da razão sobre os prejuizos — do direito sobre a iniquidade — da egualdade sobre o privilegio — da liberdade sobre o despotismo.

O PADRE CANET.

Não eram diferentes os Padres d'outra — os que eram deshonradores da sua classe, do que o são os Padres d'agora — os que são infamadores da

mesma classe. — Chegavam pouco outr'ora aos ouvidos do povo os crimes dos Padres, porque não havia então como agora a liberdade da imprensa, para os vulgarisar e comentar. — Não deixaremos por isso no silencio, em homenagem a essa liberdade, um só crime dos Padres indignos, para que o povo não viva illudido com os que deviam ser o sol do mundo, e não são como Padres desautorados senão o flagello da sociedade, e a nodoa indelevel dos ministros venerandos do Christo.

No dia 25 de Junho de 1874 foi levado perante o « tribunal das correições », em Saone e Loire em França, o cura impudico de Malay — catholicão famigerado — o Padre Canet.

Convencido então de crimes nefandos, de que o pudor não permitte á penna escrever os nomes — crimes perpetrados com creanças d'um e outro sexo, umas e outras de menos de 13 annos — crimes commettidos umas vezes por suggestões capciosas, e outras com violencia e abuso de poderio — foi o libidinoso Padre Canet condemnado a 12 annos de trabalhos publicos!

Fizeram-se altos esforços entre os co-associados catholicos das localidades circumvisinhanes, com o fim de se eximir o Padre Canet das vexações publicas a que tivera de sujeitar-se: mas a justiça foi inexoravel, e a punição foi severa e imparcial, para exemplo dos catholicos inimi-

FOLHETIM.

ALBERTO ESTANISLAU.

Não vamos fallar de nenhum estadista, de nenhum guerreiro, de nenhuma singularidade nobilitaria: vamos esboçar apenas a biographia do liberal portuense, cujo nome nos serve d'epigraphe. — Vamos fazel-o como homenagem ao merito pessoal, por ser um dos nossos collaboradores entusiastas, e que sempre n'esta cidade pugnára a favor do liberalismo com energia, durante a sua residencia temporaria n'esta capital do Minho.

Nasceu Alberto Carlos Estanislau de Barros na cidade do Porto a 20 d'Abril de 1849 — dia em que entrava na cidade inexpugnável da liberdade o rei Carlos Alberto da Sardenha, fundador das instituições liberaes de Italia, e avô da nossa augusta rainha D. Maria Pia de Saboia.

Alberto Estanislau é filho do honrado proprietario o ex.º Joaquim Estanislau de Barros, casado com a ex.ª D. Julia Maria dos Sanctos Lopes de Barros — pessoas ambas de tracto cavalheiresco, e ambas dedicadissimas á causa sacra-sancta do progresso.

É sobrinho do ex.º medico da Casa Real, o commendador Joaquim José Ferreira; e do ex.º José Estanislau de Barros, primeiro verificador da alfandega do Porto, e official que foi do extincto esquadrao de cavallaria dos Eternos, e cavalleiro da Ordem de Torre e Espada.

Casou em 9 de Março de 1874 com a ex.ª D. Elysa Adelaide de Sá Pereira Pinto d'Agnilar Townill Mecart de Barros, filha do finado distincto fidalgo de Moimenta da Beira o intrepido major de caçadores n.º 8 Alvaro de Sá Pereira, e da ex.ª

D. Leopoldina Elysa de Sá Pereira — ambos aparentados com muita da principal nobreza d'este paiz.

Alberto Estanislau não é formado em nenhuma faculdade da universidade de Coimbra. — Tem no entanto assiduo estudo, e constante applicação, e não é hospede nos conhecimentos litterarios da boa educação.

Como filho, sobrinho, e neto de liberaes, que soffreram as perseguições das Atchadas do usurpador D. Miguel I, inoculou desde creança no seu peito as creanças da liberdade; e attenta a sua pouca idade, poucos têm sido os homens de letras entre nós, que se arrojassem na mesma quadra juvenil a escrever com o seu desafogo em favor do progresso do seculo.

Deixando o Porto em 1869, veio viver alguns annos n'esta séde ferrenha dos campeões do retrocesso — a miguelistissima capital do Minho — a carlistissima Roma Portugueza — a Braga digna de melhor toada!

Indignando-se contra os excessos de fanatismo que viu com frequencia em Braga, atçados pelos caroleiros do retrocesso, conspiradores persistentes contra a dynastia reinante, e contra as instituições vigentes; começou a escrever contra estes asseclas do absolutismo, ultramontanos deshonradores da religião de que se ufanam. — Expoz a sua indignação franca e sincera em jornaes da cidade, e em escriptos avulsos, em dias dos fastos do liberalismo.

Alberto Estanislau collaborou então na *Liberdade* e no *Liberal*, dois athletas arrojados do progresso n'este facho reaccionario dos corsarios do Evangelho. — No primeiro d'estes jornaes inseriu alguns artigos de merecimento litterario.

Quando se aproximava o dia anniversario do desembarque do exercito constitucional nas praias de Mindello em 8 de Ju-

lho de 1832; nunca Alberto Estanislau deixava d'escrever uma commemoração entusiasta d'esse dia jubiloso. — Ou escrevia artigos nos jornaes liberaes da cidade, ou distribuia entre o povo saudações ao exercito libertador, e ao rei-soldado D. Pedro IV, o Godofredo immortal da cruzada da liberdade.

Singularizando-se n'estes escriptos em 1869, 1870, 1871, e 1872; sobre-sahiu todavia no seu amor entusiastico á liberdade no dia 21 de Junho d'este ultimo anno — dia anniversario da coroação do Pontífice Pio IX em Roma em 1846.

Na occasião em que n'este dia os catholicos da cidade festejavam o Papa com *Te-Deum* na Sé, em festejo de pirraça aos liberaes, fazia elle distribuir por toda a Braga uma exposição jubilosa do que era o progresso e a liberdade — dons ultrajados então pelos ultramontanos que os odeiam.

No dia 4 de Dezembro de 1873 escreveu e distribuiu outra exposição entusiasta, commemorando o anniversario da nossa independencia nacional em 4 de Dezembro de 1640; não se esquecendo de verberar então os reaccionarios da epocha philippina — epocha negregada dos Migueis de Vasconcellos, incarnados hoje nos defensores miguelistas e carlistas do altar e do throno.

Alberto Estanislau nunca deixou de rubricar com o seu nome os artigos e exposições que escrevia; e fazia-o sempre com coragem e brio, apesar de lhe ser dicto em cartas anónimas frequentes, que havia de ser victima d'alguma emboscada, uma vez que não curasse d'emendar-se.

Do que deixamos dicto, existem as provas de tudo, alem da *Liberdade* e do *Liberal*, no *Bracarense*, no *Ecco dos Funcionarios*, na *Gazeta do Minho*, na *Atalaia do Minho*, e no *Operario*.

Durante a sua residencia aqui em Braga foi ainda Alberto Estanislau correspondente d'alguns jornaes de fóra. — Lembramos-nos, entre outros, do *Diario Mercantil*, do *Diario da Tarde*, da *Gazeta do Norte*, do *Primeiro de Janeiro*, do *Jornal de Noticias*, e do *Jornal do Commercio de Lisboa*.

Como auctor d'obras especiaes, umas impressas e outras manuscritas, são de seu punho *A Coroa de Sancto Estevão*, drama: — *Um Manto Real*, drama: — *O Ollão d'Ouro*, drama: — *A Condemnada*, drama: — *No tempo dos francezes*, drama.

Nos ultimos tempos levou no Porto á scena no theatro *Baquet*, com applauso do publico á excepção d'alguns inimigos, o seu drama em 5 actos *Os fidalgos da casa Mourisca*.

Alberto Estanislau foi em Outubro de 1868 ao Pará no imperio do Brazil, onde escreveu o drama em datas *A vida d'um rapaz* — drama offerecido á Sociedade d'Ensaes Dramaticos; e por essa occasião escreveu tambem alguns artigos nos jornaes da provincia.

Quando regressou a Lisboa, o presidente do Gremio Litterario Portuguez offereceu ao sr. Estanislau uma penna d'oiro.

Alberto Estanislau foi aqui recebido e acolhido em Braga por D. Pedro II, imperador do Brazil, quando em 1872 visitou esta augusta capital do Minho; e acompanhou sempre a imperial comitiva no seu giro de visita pela cidade.

O partido liberal deve a Alberto Estanislau uma dedicação fervorosa — um amor ardente — um entusiasmo caloroso: e em homenagem a estas virtudes civicas, provadas em lucta persistente contra o retrocesso na arena jornalística, sagramos-lhe aqui estas linhas biographicas no *Brado Liberal*, de que elle é collaborador assiduo com esmero.

gos natos da liberdade e do progresso.

Ainda assim, não era agora este cura de Malay, como n'outr'ora o nosso Prior de Trancoso Padre Fernando da Costa.

Este nosso catholicão do regimen absoluto, no tempo d'el-rei D. João II, foi sentenciado a ser degredado das suas ordens — a ser arrastado pelas ruas publicas aos rabos de 4 cavallos — a ser esartejado ao depois, pregando-se-lhe os quartos, com a cabeça e as mãos, nos districtos dos crimes provados, e que elle não contrariára.

Tinha elle então 62 annos d'idade: e era arguido e convencido d'incríveis uniões carnaes: — com 29 afilhadas, de que tivera 97 filhas e 37 filhos — com 5 irmans, de que tivera 18 descendentes — com 9 comadres, de que tivera 38 filhas e 18 filhos — com 7 amas, de que tivera 29 filhas e 13 filhos — com 6 eunhadas, de que tivera 5 filhas e 2 filhos — com 2 escravas, de que tivera 21 filhas e 7 filhos — com 1 tia, de que tivera 3 filhos — e com a propria mãe, de que tivera 3 filhas!!!

Aos 17 de Maio de 1481 perdoou a este monstro da concupiscencia o rei D. João II, o príncipe alcunhado de «perfeito», e que fôra nada menos que o «assassino de 2 concubidos!!!

A sentença condemnatoria do Padre Prior perdoado acha-se archivada na Torre do Tombo em Lisboa, no armario 5, maço 7, onde os curiosos poderão examinal-a á vontade, com o fim de ficarem convencidos da nossa exactidão, para honra da *sanctissima causa* do altar e do throno!!!

BANQUETE ARTISTICO.

Na sociedade dos alfaiates inglezes houve ultimamente um banquete por occasião da admissão de Disraeli, Derby, e lord Salisburg, como membros honorarios da sociedade.

Disraeli, respondendo a um brinde, defendeu a egualdade religiosa, e negou a decadencia da igreja anglicana. — Protestou contra a perseguição religiosa. — Prestou homenagem á lealdade dos inglezes, que *respeitam as suas instituições politicas, porque o seu monarcha respeita as leis do seu paiz.* — Mostrou ser a camara dos lords, embora hereditaria, um verdadeiro senado representativo. — Evidenciou como a camara dos commons representa para cima de dois milhões d'eleitores.

«Estas instituições, disse o orador, são a melhor garantia da segurança dos trinta milhões de membros da nação ingleza. — O dever do governo é guiar e estimular os povos, e conceder aos fracos todo o apoio».

Defendeu o livre cambio, acrescentando que o povo inglez no periodo actual se acha tranquillo e satisfeito.

Patenteou que o estado de cousas no resto da Europa é sem duvida incerto: mas fez vêr egualmente, que nunca as potencias mostraram, como agora, quanto apreciam as relações de boa amizade com a nação ingleza.

Derby, respondendo tambem a um brinde, disse que o aspecto geral d'Europa fazia entrever um futuro proximo de bonança, e que a Inglaterra empregava todos os esforços para auxiliar a realisação d'esse resultado.

«O primeiro dever d'um ministro inglez, acrescentou Derby, é manter a paz da Inglaterra; mas o segundo é manter a paz da Europa.

Lord Salisburg não ficou inferior aos seus collegas.

Eis-aqui como na Inglaterra, «paiz

classico da liberdade», olham para os artistas os homens de vulto na sociedade, illucidando-os nas questões sociaes da epocha.

Entre nós, quasi se não lembram dos artistas os nossos homens que os não são, senão para lhes extorquirem o suffragio eleitoral!

Fôra d'isso, nem os artistas lhes passam pela lembrança!

O que vale a esta classe respeitavel, para não ser olhada ainda agora como serva da fidalguia de sangue azul, é o que ella deve ao regimen do liberalismo implantado entre nós.

Saiba ella o que é, e o que vale: e conhecerá então de veras o que é, e o que vale o liberalismo que a nobilita.

ATROCIDADES MIGUELISTAS.

Na epocha ominosa da usurpação miguelista entre nós desde 1828 a 1834, tractavam-se os liberaes com todas as atrocidades da tyrannia. — Lembrar estas atrocidades aos que possam ignoral-as, é prestar serviço valioso á causa do liberalismo, desmascarando assim os asseclas do miguelismo, galvanizados para a reacção pelos corsarios do Evangelho, deshonradores da sua classe respeitavel.

Eis-aqui um quadro succincto d'essas atrocidades, esboçado na *Revista Historica de Portugal*, 2.^a edição de 1846 — obra anónima do finado Padre José d'Oliveira Berardo, ornamento ecclesiastico da cidade de Vizeu, e testemunho insuspeito para os Torquemadas da reacção:

«Aquelles (constitucionaes) que permaneciam em Portugal, supportavam todo o pézo da vingança d'uma facção, que os considerava como em represalia».

«As casas eram cercadas a toda a hora da noite, em busca dos homiziados: davam-lhes caça nos montes como a feras; conduziam-nos de cadêa em cadêa cobertos d'opprobrios: alguns acabrunhados de pancadas, e outros atravessados de golpes».

«A alçada do Porto sentenciava os prêzos que chamava ao seu tribunal, segundo o arbitrio das suas paixões, ou d'aquellas que lhe eram comunicadas pelos inimigos dos processados».

«Certidões, attestados, justificações solemnes, tudo era reputado gracioso, perante uma rectidão que só conhecia digno de confiança o depoimento dos accusadores».

«Muitas pessoas, sentenciadas a degredo ou absolvidas, finaram na fortaleza de S. Julião, sem que houvessem o destino designado, aguentando até o ultimo suspiro a ferocidade d'um infame carcereiro (Telles Jordão)»!

O *Brado Liberal* hade lembrar opportunamente estas scenas canibalescas do miguelismo, para desillusão dos illudidos pelos reaccionarios dos nossos dias, em nome da religião que desvirtuam.

O BISPO DE BELEM.

Os excessos da reacção liberticida vão produzindo effectos salutaes contra essa hyena do seculo.

Os Bispos arvoraram-se em diferentes partes em capitaneadores dos inimigos do liberalismo, declarando-se impensadamente ministros exclusivos do Papa, e cidadãos independentes absolutamente dos poderes temporaes.

A desobediencia á lei tornou-se para esses Prelados um systema ac-

corde d'oposição ao progresso do seculo. — Mas os poderes temporaes assumiram a sua posição d'executores da lei, e começaram a mostrar aos Prelados reaccionarios, que de nada lhes valia o escudo das immundidades que phantasiaram, e a nossa idade de civilisação lhes não tolerava.

Além das punições infligidas aos Bispos desobedientes da Prussia; temos a accrescentar a prisão recente do Bispo reaccionario de Belem, cidade capital da provincia do Pará, assente na margem meridional da bahia Guajará.

E' mais um companheiro d'encarceramento do Bispo reaccionario d'Olinda, o primeiro que no imperio do Brazil experimentára por incorregivel na reacção o rigor da lei.

Procedendo por este modo, serão a final respeitadas os poderes temporaes pelos Bispos a quem elegem, e que para logo se olvidam da mercê, embriagados dos perfumes liberticidas dos reaccionarios do Vaticano.

Nem a mitra, nem o baculo, são escudos invulneraveis da reacção contra a lei — que no regimen salutar do liberalismo é igual para todos.

FUNDIÇÃO DE KRUPP.

Na aldeola d'Essen, nas provincias rhenanas da Prussia, não longe de Dusseldorf, levanta-se aos ares a fabrica de Frederico Krupp, reconhecida a grande distancia pelos rolos de fumo que saem das suas chaminés, verdadeiros obeliscos da industria.

Occupa esta fabrica uma superficie de mais de 400 hectares — umas 8 leguas, onde se entregam ao trabalho uns 12000 operarios com 739 empregados. — Mas além d'elles, empregam-se ainda alli para cima de 5000 operarios fóra do estabelecimento, nas minas e fornos de sua propriedade, situados nas margens do Rhenno e outros pontos.

Conta esta fabrica 286 machinas de vapor, que representam ao todo uma força de 10:000 cavallos, além de 1:056 machinas-ferramentas. — A produção annual do aço fundido subiu em 1872 a 125 milhões de kilos, consumindo-se no mesmo espaço de tempo 500 milhões de kilos de carvão, e 125 milhões de kilos de coque.

Tem o estabelecimento uma fabrica de gaz, que alimenta 16:500 luzes, e consome 5 milhões de metros cubicos. — Entram na fabrica tres vias ferreas geraes para facilidade das communicações com o exterior, com uma extensão de 37,2 kilometros — cerca de 8 leguas, e um material de 12 locomotivas. — Ha, além d'isso, 15,7 kilometros de caminho de ferro para o serviço interno, com 3 locomotivas e grande numero de cavallos.

Para activar as communicações entre as diferentes officinas existem 30 estações telegraphicas.

Uma companhia de bombeiros, composta de 70 homens, está encarregada de vigiar constantemente o estabelecimento, e ao mesmo tempo de lhe sustentar a ordem. — Além d'isso ha ainda alli uma guarda de 166 homens.

Encerra esta fabrica 206 habitações para empregados, e 2:948 para operarios, inclusas as que se acham em construcção. — Estas habitações estão actualmente occupadas por mais de 8:000 pessoas; mas além d'isso ainda provê o estabelecimento á alimentação e domicilio de 2:500 operarios solteiros.

Sob a direcção de medicos especiaes da fabrica, estabeleceu Krupp

um hospital com 100 camas, e outro para casos d'epidemia com 120.

Existe tambem uma caixa economica para os operarios, e em geral para todos os que são retribuidos por um jornal. — A fabrica paga a esta caixa uma somma egual ás quotas dos socios, e paga além d'isso penções e soccorros aos operarios inutilizados no serviço, assim como ás suas viúvas. — As entradas n'esta caixa eram em 1872 de 58:680:000 reis aproximadamente, e as despezas de 47:120:000 reis. O fundo de reserva da caixa, no dia 1 de Janeiro de 1873, subia a 73:524:320 reis. — Os individuos inscriptos teem direito á visita facultativa para as suas familias, mediante o imposto annual de 700 reis.

Estão tambem annexos a esta fabrica um laboratorio chymico, um estabelecimento lithographico e photographico, uma imprensa, e uma officina d'encadernador. — Na imprensa funcionam dois prelos mechanicos e quatro de mão.

Tal é a descripção succincta da fabrica de Frederico Krupp, memoravel pelas peças da guerra que se celebrisam, extrahida do jornal hispanhol *Heraldo Gallego*.

Commissões dos exames finais.

As commissões dos exames finais nos Lyceus na terceira circumscripção escholar, com a séde no Porto, ficaram assim compostas n'este anno de 1874:

Presidente da commissão d'exames: — Conselheiro José Pereira Reis, lente jubilado da Eschola Medico-Cirurgica do Porto.

Vogaes da commissão: — Para as mezas de portuguez e latim: — Deífim Maria d'Oliveira Maia, professor no lyceu do Porto; José Alves de Moura, no de Braga; José Martins de Lima, no de Vianna do Castello; Joaquim Maria Lamego da Maia, no de Braga: — Antonio Lopes de Figueiredo, residente em Braga, e Francisco de Paula Santa Clara, em Coimbra: — dr. Antonio Bernardino de Menezes, lente da Universidade: — Julio Celestino da Silva; professor no lyceu de Braga, e José Simões Dias, no de Vizeu.

Para as mezas de francez e inglez: — José Perry, professor no lyceu de Villa-Real; e Sebastião Maria de Andrade e Sousa, no de Vianna do Castello: — Abilio Henriques d'Aguiar, residente em Aveiro: — Eugenio Fernandes da Silva, professor no lyceu de Vizeu: — José Henriques Pinheiro, no de Bragança; e Antonio Hermano Roeder, no de Lisboa: — Manuel d'Arriaga e Cunha, residente em Coimbra, e Flórido Telles de Vasconcellos, no Porto.

Para as mezas de mathematica, introdução, e desenho: — Dr. José Joaquim Pereira Falcão, e Dr. Gonçalo Xavier d'Almeida Garrett, lentes da Universidade: — Antonio Zeferrino Candido da Piedade, residente em Coimbra: — Dr. Francisco Augusto Correia Barata, lente da Universidade: — José Duarte Moreira de Sousa, professor no lyceu de Castello Branco: — Luiz Ferreira de Figueiredo, residente em Vizeu: — Dr. Raymundo Venancio Rodrigues, lente da Universidade: — Elias Fernandes Pereira, professor no lyceu d'Aveiro: — Miguel Archanjo Marques Lobo, residente em Coimbra; e Francisco José do Nascimento Mena professor no lyceu de Santarem:

Para as mezas d'istoria e philosophia: — Dr. Manuel Joaquim Penha Fortuna, professor no lyceu de Braga: — José Reynaldo Rangel de Quadros Oudinot, residente em Aveiro: — Manuel Francisco de Medeiros Bo-

telho, em Coimbra, e Dr. Manuel Filipe Coelho, no Porto: — Joaquim Maria Diniz Goulart da Silveira Macedo, professor no lyceu de Lisboa: — José Ribeiro de Liz Teixeira, residente em Coimbra: — Dr. José Augusto Sanches da Gama, lente da Universidade: — Manuel Pinheiro d'Almeida e Azevedo, professor no lyceu de Braga, e Vicente Pedro Dias, no de Leiria: — Dr. Bernardo d'Albuquerque do Amaral, lente da Universidade: — Dr. Joaquim Theophilo Braga, lente do curso superior de lettras, e Antonio Candido de Figueiredo, residente em Lisboa.

FASTOS HISTORICOS.

ANNIVERSARIO CLERICALISTA.

Julho 29.

Completaram-se 233 annos na terça feira passada, 28 de Julho de 1874, depois que «um prelado portuguez» conspirara contra a liberdade da patria, intentando sacrificar ao poderio estrangeiro a vida do proprio soberano!

Foi o prelado conspirador o diocesano primaz de Braga D. Sebastião de Matos e Noronha, arcebispo da séde bracarense entre 1636 e 1641 no pontificado do Papa Urbano VIII, sendo então os reis de Portugal D. Filipe III e D. João IV.

Era este diocesano patricida doutor em canones pela Universidade de Coimbra: e transferiu-o o usurpador D. Filipe III, em 1635, do bispado d'Elvas para o arcebisado de Braga — diocese de que tomara posse em 5 de Setembro de 1636, e que principiara a gerir então de per si em 9 de Novembro, dia em que fizera n'esta cidade a sua entrada solenne.

Eis-aqui como no *Anno Historico Portuguez*, escripto pelo Padre Loyo Francisco de Sancta Maria, vem esboçada a conspiração regicida e liberticida de D. Sebastião de Matos e Noronha — o successor desvirtuado de D. Rodrigo da Cunha na cadeira primacial de S. Geraldo:

«Corria o primeiro anno da aclamação do rei D. João IV de gloriosa memoria, quando alguns fidalgos portuguezes, impacientes na obediencia do mesmo rei, estimulados da ambição e da inveja, começaram a intentar e machinar novidades.

«Foi o principal motor d'ellas D. Sebastião de Matos e Noronha, arcebispo de Braga.....

«Havia recebido grandes mercês d'aquella corte, e aspirando a outras maiores, não duvidava sacrificar a «liberdade da patria» em serviço das suas pertencções.

«Buscou a D. Luiz de Menezes, marquez de Villa Real, cavalleiro de nobilissimo sangue, mas de talento muito inferior. — Facilmente se despenha da emiñencia o penhasco já abalado. — Andava o marquez descontente do estado das cousas, e sem replica se rendeu ás rasões do arcebispo, bem pintadas da sua eloquencia, de que era grande artifice.

«Logo o marquez reduziu ao mesmo sentimento seu filho D. Miguel de Noronha, duque de Caminha; posto que mais o persuadiu, ou arrastou a este, o respeito de seu pae, do que outra alguma rasão: antes se affirmava, que propozera muitas em contrario.

«Pelo mesmo modo levou o arcebispo após si a seu sobrinho Ruy de Mattos de Noronha, maneebo tam falto d'experiencias, como cheio agora ou asoprado d'altas esperanças.

«Acresceu D. Agostinho Manuel, fidalgo illustre, e não menos erudito que discreto, mas pobre, a quem a falta de bens attrahiu, ou constringen a buscar melhor fortuna por caminhos extraordinarios.

«A outros fidalgos se diz que passaram as persuasões do arcebispo, e com ellas a noticia da conspiração.....

«A todos, com outros muitos d'esphera inferior, mandou el-rei prender n'este dia, anno de 1641: dispondo as prisões com tanto acerto, que todos quasi na mesma hora foram levados a diversos logares.

«Pasmou o reino, de que cahisse no doo tam feia em sujeitos tam illustres: e não menos admirou toda a Europa o valor e resolução d'um rei, que nos principios do seu reinado, ainda vacillante, não duvidou proceder contra homens tam grandes, que por seu sangue e dependencia involviã a maior parte da nobreza de Portugal».

Vê-se d'este esboço rapido d'esta scena liberticida e regicida de 1641, o que é d'urgencia fazer-se em 1874 em lances analogos da conspiração patricida.

Se os prelados começarem scenas de reacção entre nós contra as instituições vigentes, e consequentemente contra a dynastia reinante; é mister seguir-se o exemplo rapido e energico do governo de 1641.

Se no dia 24 de Julho de 1874 se recusou o patriarcha de Lisboa a assistir aos festejos liberaes da capital, «fazendo-o com insinuações da corte pontificia do Vaticano»; cumpria o governo portuguez os deveres que a nossa legislação patria lhe impoem.

Processe-os e encarcere-os desafrontadamente, para exemplo memoravel de desagravo legal.

Imite os governos energicos da Alemanha, da Suissa e do Brasil, verificada que seja a identidade de desobediencia prelatia entre nós, com eguaes vistas de reacção contra a liberdade e o progresso.

FESTEJOS LIBERAES.

A commissão dos festejos liberaes para hoje, commemorativos do anniversario do juramento solenne da Carta Constitucional da monarchia portugueza, compoem-se dos seguintes senhores:

Presidente — Bacharel José Borges Pacheco Pereira de Faria.

Vice-presidente — Bacharel João Feio Soares d'Azevedo.

Secretario — José Valerio Capella.

Thesoureiro — Medico-cirurgico Alfredo Passos.

Vogaes — José da Silva Lata — Francisco José d'Araujo — Simão d'Araujo Esmeriz.

Folgamos de registrar no *Brado Liberal* os nomes d'estes amigos dedicados do progresso, jovens ainda alguns na idade, mas anciãos no amor consagrado á causa sacrosancta da liberdade.

Honra lhes seja pela sua dedicação fervorosa.

EXTERIOR.

No relatório do governador de Cuenca, apresentado ultimamente ao governo hispanhol, confirmam-se os assassinios, roubos e incendios, de que fôra theatro cruento essa cidade, quando os carlistas se apoderaram d'ella. — Até destruíram e inutilisaram o gabinete d'historia natural os defensores do throno e do altar!

Os carlistas fuzilaram em Olot na Catalunha 73 guardas d'alfandega, 105 soldados, 1 coronel, 3 capitães, e ainda alguns officiaes subalternos.

No dia 25 commemoraram alguns bandidos carlistas o dia do Apostolo S. Tiago, queimando entre Arzuã e Santiago na Galliza o carro do correio com toda a correspondencia.

Na provincia d'Orense entrou a partida carlista que se organisára á vontade em Castro Laboreiro no Alto-Minho, sem que as auctoridades respectivas tomassem contra esta organização as medidas convenientes. — Houve até em tempo declarações officiaes d'algumas auctoridades administrativas, de que nada havia de real n'esta organização, ao passo que eram trocadas entre algumas outras auctoridades declarações expressas e positivas á cerca d'esta mesma organização, de que só não tinha conhecimento quem o não quizesse ter.

Dá-se aqui em geral com as auctoridades administrativas o que se está dando igualmente em França. — Negase officialmente a existencia de tramas carlistas contra a Hispanha á sombra da neutralidade internacional; mas os factos ultteriores vem comprovar o contrario d'essas negativas officiaes, comprovando por essa occasião, se não a connivencia, ao menos a indolencia das auctoridades respectivas

— uma e outra d'egual alcance criminoso na actualidade para com o governo da Hispanha.

O general Moriones aprehendeu aos carlistas 4:000 cabeças de gado.

A *Gazeta de Vienna* attaca a França pela protecção dispensada aos carlistas contra o governo da Hispanha.

O *Imparcial* de Madrid demonstra á sociedade esta complicitade da França.

O governo de Mac-Mahon, com epigramma pungente que a penna recusa qualificar, declara officialmente resultar dos seus inqueritos nos Pyreneus, que as auctoridades francezas das fronteiras cumprem com os seus deveres de neutralidade!

Em França desceu a cotação do emprestimo a 98,60. — Deve-se este resultado aos receios da dissolução da assemblea.

Na Inglaterra não se crê improvavel a intervenção alleman na guerra civil da Hispanha. — A Allemanha de certo não deixará impune o fusilamento do seu subdito Schmidt, perpetrado com toda a atrocidade no quartel general do pretendente *infeliz*.

Em Lisboa correm boatos insistentes da proxima chegada d'uma esquadra alleman ás aguas do Tejo com este alvo politico.

— Na Prussia, graças á attitude energica do governo contra os prelados reaccionarios postos em campo contra a liberdade e o progresso, foi prêzo ultimamente o bispo Fenizewski, prelado coadjutor do bispo Zedochowski.

NOTICIARIO.

No domingo 26 do corrente teve logar a festividade do Sacramento na igreja de S. José de S. Lazaro n'esta cidade, effectuando-se de tarde a procissão do costume com a pompa usual.

Foi esta freguezia desmembrada em 1747 da freguezia de S. Victor d'esta mesma cidade: e desmembrou-a o prelado primaz D. José de Bragança, filho natural d'el-rei D. Pedro II. — Foi o motivo d'esta desmembração o não poder o parcho de S. Victor, pela extensão da freguezia e multiplicação de parochianos, acudir com promptidão e commodidade ás suas necessidades espirituaes.

No domingo 2 d'Agosto terá logar na igreja de S. Victor a festividade do Sacramento com a procissão do costume n'esse dia á tarde, e com a pompa usual.

Foi edificada a igreja actual pelo prelado primaz D. Diogo de Sousa, arcebispo em Braga nos reinados de D. Manuel e D. João III, e o principal restaurador d'esta capital do Minho, que lhe é devedora das principaes ruas e praças que tem, e lhe realçam o seu aspecto pictoresco.

No sabhado 25 do corrente chegou de noite a esta cidade o exm.^o consul da Hispanha no Porto, e demorou-se aqui todo o dia 26.

Veio S. E. á capital do Minho em objectos de serviço a seu cargo, reclamados pelo modo como se toleram n'esta provincia as agencias dos factores do carlismo contra a republica hispanhola, e de que é um exemplo flagrante — um testemunho clamoroso — a partida organisada ultimamente em Castro Laboreiro, e entrada na Galliza na provincia d'Orense!!!

Chegou no dia 27 do corrente a esta cidade o exm.^o general Marçal. — Acha-se hospedado no Hotel-Real na rua de S. João.

Começaram no dia 27 do corrente, ás 10 horas da manhan, os exames finaes d'instrucção secundaria no lyceu nacional d'esta cidade. — Funcionaram as mezas de portuguez, francez, geometria, historia, e philosophia.

Houve poucas reprovações, e provas regulares nos approvados.

Tudo tem continuado regularmente.

Partiu na quinta feira do madrugada, 30 do corrente, uma companhia do regimento d'infanteria n.^o 8 para o Alto Minho, donde entrara para a Galliza uma partida carlista, alli organisada á vontade em Castro Laboreiro.

Andam n'esta partida alguns portuguezes, e alguns estudantes de Tuy e Orense, incitados a isso pelos Padres reaccionarios do Alto Minho e Galliza.

Commanda esta partida de bandidos o cabecilha Soares com os chefes subalternos Rodrigues e Salinas. — O armamento é muito irregular.

Hoje 31 partiu d'aqui de madrugada para os Arcos um destacamento d'infanteria n.^o 10 vindo do Porto.

Acaba de baixar no Porto á sepultura um assecla corajoso da liberdade, e um athleta vigoroso das lettras patrias. — Falamos do distinctissimo poeta Guilherme Braga, auctor do *Bispo* e dos *Falsos Acastolos*. — Succumbiu no dia 26 do corrente, pelas 4 horas da manhan, victima d'uma consumpção pulmonar.

CORRESPONDENCIA DE LISBOA.

Julho 23 de 1874.

Na minha preterita carta expuz uma parte dos trabalhos dos jesuitas, que damnificam a liberdade e o progresso, e podem arrastar de novo a sociedade á escravidão theocratica, e á mais crassa ignorancia.

Felizmente posso estar ao facto dos principaes manejos jesuiticos: e sei tambem qual o antidoto que se pode applicar contra elles — antidoto que os jesuitas temem e receam, como nos seus conciliábulos têm confessado.

Uma das primeiras cousas a fazer é galvanisar o ministerio contra elles. — Como o ministerio existe — sem acção contra os liberticidas — isso é que não pode ser. — Importa pouco em verdade, que no poder esteja Fontes, Loulé, Avila, bispo de Vizeu, ou outro qualquer dos nossos homens d'estado: mas o que importa e é preciso, é que haja acção em quem lá estiver, em manter e vigiar o liberalismo a que a reacção procura solapar.

Os jesuitas esperam muito dos regeneradores e conservadores de toda a parte: contam até com a sua protecção, e confessam claramente nas suas reuniões secretas, que os negocios lhe irão sempre bem, emquanto os regeneradores e conservadores estiverem senhores das pastas da governação publica na Europa.

Como armas valiosissimas contra as tramas dos reaccionarios, cumpre proclamar-se a liberdade de cultos — o casamento civil — o registro civil — o entérro civil. — Deve ser prohibido ao mesmo tempo o ensino ministrado pelos jesuitas, e prohibirem-se igualmente as suas prédicas nas aldeas, onde elles abusam facilmente da ignorancia do povo. — E deve obter-se emfim a separação da Igreja do estado, solicitando-a do parlamento na proxima legislatura immediata.

Não sei se offendo algum dos leitores do *Brado Liberal*: mas se algum se julgar offendido com a propagação d'estas ideas, peço-lhe desculpa. — Eu unicamente exponho os antidotos de que estou convencido, para debellar o mal da propagação jesuitica: antidoto de que elles mesmos fallam com receio nas suas reuniões, a algumas das quaes tenho assistido por um modo singularissimo!

Da prohibição do ensino — da prohibição das predicas ruraes — e da separação da Igreja do estado têm elles um medo grandissimo: e até confessam francamente, que se taes medidas rasgadamente liberaes fossem adoptadas, estaria então perdida para sempre a sua propaganda.

O empenho maior dos jesuitas agora entre nós, é que se conserve o gabinete em pé: porque então levam assim por adiante a sua propaganda em todo o reino.

Se as medidas liberaes que deixo acima apontadas, não fossem postas em pratica energeticamente, nada se faria vigoroso contra a reacção: porque este inimigo não se vencerá já-mais com paliativos.

O partido liberal deve pensar maduramente sobre a questão, e precaver-se quanto antes contra as tramas dos reaccionarios, se por acaso quizer evitar a effusão de sangue: aliás o jesuitismo não irá abaixo tão facil como se pensa.

Muitos individuos ha, que, julgando a liberdade omnimodamente consolidada entre nós, zombam alegres quando se recommenda a união dos liberaes contra os inimigos do progresso.—Aos que assim pensam, devo recomendar a grande maxima de Vietor Hugo — *a união faz a força*. — O jesuitismo contra a liberdade e o progresso é um só corpo: emquanto o corpo liberal está dividido em parcialidades politicas: — o que é do maximo alcance para essas viboras do passado, inimigas da luz e da civilisação.

Na minha proxima carta fallarei dos planos traçados pelos jesuitas para fomentarem a desordem entre nós, e tornarem a sociedade em anarchia persistente a seu talante.

Serei inflexivel como no *Tribuna Popular* de Coimbra.

Até breve. *O Espectro.*

ANNUNCIOS.

Arrematação.

Pelo juizo de direito d'esta comarca de Braga, e cartorio do escrivão João Marcos d'Araujo Ribeiro, teem d'andar em praça para serem arrematados, pelo maior lance que for offerecido, os bens que ficaram do fallecido Bernardo José da Cunha, viuvo, morador que foi no logar da Senhora do Carmo, freguezia de S. Paio de Merelim d'esta comarca: — bens descriptos no inventario orphologico a que se procede pelo dicto juizo e cartorio, por assim ser deliberado no mesmo inventario, cujos bens são os seguintes:

Uma caixa de pinho com fechadura, avaliada em 700 rs.

Uma morada de casas terreas com seu quintal sita no logar da Senhora do Carmo, da predicta freguezia de S. Paio de Merelim, a confrontar pelo nascente com terras da casa de Recobello, e pelo poente com a estrada nova: pelo norte termina em ponta aguda, e pelo sul com terras e casa de Domingos José Gomes: produz o quintal horta e vinho: pode render annualmente — livre — 11\$400 rs.

E' de natureza de prazo á dicta casa de Recobello, a quem se paga o fóro annual de 1\$200 rs., e o laudemio da 40.^a

Feitos os devidos abatimentos, é o seu liquido valor a quantia de 22\$300 rs., preço em que vai á praça. (28)

OS RIDICULOS:

Estudos humoristicos e de photographia por Urbano Loureiro, 1 vol. em 8.^o — 500 reis.

A venda na livraria de Magalhães & Moniz, largo dos Loyos, no Porto. Em Braga, na Livraria Bracarense, rua do Souto, n.^o 25.

Procurações.

Rua do Souto, n.^o 55 A. e 55 B. — Braga.

No deposito de tabacos de Sancta Apollonia, acham-se á venda Procurações impressas para tabelliães e para particulares. (29)

LIVROS

ANTIGOS E MODERNOS

Vendem-se na loja de livros e encadernação de Manuel Gonçalves na rua das Aguas em Braga.

Entre alguns livros modernos, de raridade ao presente, acham-se aqui á venda *Memorias do Bispado de Leiria*, impressão d'um manuscrito antigo seiscentista, de que se tiraram á luz poucos exemplares: as obras de Bernardes: Padre Consciencia: e outras obras mysticas de mérito.

LIVRARIA BRACARENSE;
GERENTE
JOAQUIM JANEIRO DA SILVA;
RUA DO SOUTO.

Acaba de chegar a esta livraria uma nova porção de livros antigos em portuguez, hispanhol, latin e grego. Chegaram-lhe igualmente figurinos para alfaiates e para senhoras, assim como as novas publicações de Lisboa e Porto, e entre ellas a obra estimada NO MINHO de D. Antonio da Costa, *Almanachs Illustrados*, &c. Encarrega-se de quaesquer encomendas e assignaturas para o paiz e para o estrangeiro. (21)

João da Silva Moura.

Rua de S. Marcos, n.^o 3.

Tem á venda cimento romano PORTLAND para vedar agua, de primeira qualidade. (25)

NO MINHO, 1 vol. em 8.^o, impressão nitida, escripto por D. Antonio da Costa.

Acha-se á venda nas livrarias bracarense de Chardron, e Germano Barreto. — Preço 600 rs.

LIVRARIA
BRACARENSE.

RUA DO SOUTO — BRAGA.

Acha-se á venda uma porção d'obras modernas hispanholas, chegadas ultimamente de Madrid, Paris, e Allemanha.

As edições d'Allemanha são d'impressão nitida, e primorosas para mimo, como collecção escolhida de romances e poesias. (27)

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

EUGENIO CHARDRON.

N'esta livraria no largo de S. Francisco acham-se á venda entre muitas obras antigas e modernas, assim de sciencias como de litteratura, as seguintes adquiridas n'estes ultimos dias:

Simão J. da L. Soriano — Historia do cerco do Porto em 1832 a 1834, com um discurso preliminar minucioso: edição unica e rara de Lisboa em 1847, 2 vol. em 8.^o gr., com o Mappa Topographico das Linhas liberaes e realistas: preço 9\$000 rs.

Ignacio R. Vedoure — Desalio dos dósse d'Inglaterra, que na corte de Londres se combateram com gloria de Portugal em desagravo das damas inglezas ultrajadas dos seus: Lisboa, 1732, 4.^o, opusculo historico raro: preço 200 reis.

Padre José L. da Costa — Desempenho festivo ou triumphal aparato com que os bracarenses tiraram a publico pelas ruas da cidade com danças e folias o Eucharistico Manná na festividade do Sacramento em 1729: Lisboa, 1729 e 1730, 2 opusculos em 4.^o, ambos raros, e especialmente a 2.^a parte com os sermões d'então: preço 600 reis.

Padre Luiz B. Vieira — Breve extracto noticioso da festividade do Sacramento em Braga em 1731, com as danças e bailados d'então: Coimbra, 1731, 4.^o, opusculo raro d'usanças religiosas bracarenses: preço 240 reis.

Dr. Manuel T. de Magalhães — Prologetica noticia do Eucharistico triumpho bracarense na festividade do Sacramento em 1733: Coimbra, 1733, 4.^o, opusculo raro d'usanças religiosas da cidade: preço 240 rs.

Anónimo — A Fenix das tempestades renascida em 18 d'Outubro de 1732, com um discurso sobre a origem dos ventos pelos demonios expulsos do ceo: Lisboa, 1732, 4.^o, opusculo curioso como documento das crenças e abusões dos nossos maiores: preço 200 reis.

Salvador J. de Barros — Desengano d'allucinados: caso horroroso do peregrino do inferno, homem demonio ou demonio homem, de quem succedêra na Italia a morte desastrada: Lisboa, 1733, 4.^o, opusculo ascetico pouco vulgar, com uma portada xylographica: preço 120 reis.

André P. Carregueiro e Marcos V. Pau — Escudo apologetico em contraposição aos golpes do Discurso Critico dos dois censores de X dato foemineis, narração d'uma monstruosidade dada então á luz em parto extranatural: Lisboa, 1733, 4.^o: preço 80 reis.

Manuel de F. Borralho — Luzes da poesia descobertas no oriente d'Apollo, arte poetica rara com singularidades curiosas, e de que só apparecêra um exemplar nos 20 conventos de que se organisára a livraria publica bracarense: Lisboa, 1724, 4.^o: preço 800 reis.

Antonio Castanha — Mondegueida, poema estrambotico sobre a chea extraordinaria do Mondego em 1788: Coimbra, 1788, 8.^o, opusculo não vulgar: preço 240 reis.

Pedro L. Correa — Centinella (sic) contra os judeus, obra anti-rabbínica não vulgar: Lisboa, 1684, 8.^o: preço 500 reis.

Francisco P. da Silva — Caminho dos Terceiros seraphicos para a patria celestial, chronica da Ordem 3.^a franciscana, pouco vulgar: Lisboa, 1736, 8.^o, exemplar com portada em gravura, e bem conservado: preço 600 reis.

Fr. Luiz de S. Francisco — Livro em que se contém tudo o que toca á origem, regra, estatutos, ceremonias, privilegios, e progresso da Ordem Terceira da Penitencia: Lisboa, 1684, 8.^o, exemplar raro com algumas poucas traçadellas no meio: preço 600 reis.

Fr. Apollinario da Conceição — Seculos da Religião seraphica illustrada pelos irmãos leigos em Portugal e no Brasil, chronica monastica pouco vulgar: Lisboa, 1736, 8.^o: preço 800 reis.

Sá de Miranda — Obras poeticas: Lisboa, 1687, 16.^o, edição muito rara, apenas indicada na fé de Barbosa Machado no Diccionario Bibliographico d'Innocencio da Silva, e bom exemplar: preço 2:280 reis.

Antonio das V. Pereira — Ensaio sobre a philologia portugueza por meio do exame e comparação da locução e estilo dos nossos insignes poetas do seculo XVI — memoria premiada na academia real das sciencias de Lisboa em 1792, e publicada no Tom. V. das suas Memorias de Litteratura, 4.^o: preço 240 rs.

Clemente Libertino — Historia de los movimientos y separacion de Cataluña en España: San Vicente (Lisboa), 1645, 4.^o, obra original de D. Francisco Manuel de Mello, a quem os proprios hispanhoes reputam como um dos melhores classicos da sua lingua, embora portuguez d'origem, e edição de muita raridade, duas vezes por isso reimpressa ainda no seculo XVII: preço 1\$200 reis.

Padre Ignacio C. da Cunha — Guimarães combatido, assalto da penitencia e triumpho da virtude, poema ascetico em oitava rhyma, decantando as missões de Guimarães dirigidas pelo Padre Cataiyud, opusculo raro: Coimbra, 1744, 4.^o: preço 500 rs.

Ceremonias da Semana Sancta na Sé de Braga com assistencia do prelado — Manuscripto liturgico do rito bracarense, escripto pelo finado mestre de ceremonias da cathedral primaz: preço 200 rs.

Ceremonias da missa na Sé de Braga com assistencia do prelado — Manuscripto liturgico do rito bracarense, escripto pelo finado mestre de ceremonias da cathedral primaz: preço 100 reis.

Anónimo — O novo principe, ou o espirito dos governos monarchicos no regimen do absolutismo: 2.^a edição, Rio de Janeiro, 1841, 8.^o gr., obra do Dr. Gama, medico de D. Miguel: preço 500 rs.

Anónimo — Consulta do supremo conselho de Castella contra a Tentativa Theologica do Padre Antonio Pereira, traducção portugueza: Coimbra, 1832, 8.^o gr., obra pouco vulgar: preço 500 rs.

José D. Mascarenhas N. — Methodo para construir as estradas em Portugal: Porto, 1799, 4.^o, opusculo pouco vulgar, com duas estampas: preço 360 rs.

Anónimo — Chronica certa e muito verdadeira de Maria da Fonte, escrevida (sic) por seu Tio Manuel da Fonte, sapateteiro no Pézo da Regua: Lisboa, 1846, 8.^o gr., opusculo muito raro do Visconde de Castilho: preço 600 rs.

Padre Antonio Pereira F. — Origem do titulo e da dignidade dos condes, sua historia e prerogativas: Lisboa, 1780, 4.^o: preço 240 rs.

Anónimo — A Inglaterra e D. Miguel, traducção do francez: Paris, 1828, 8.^o gr., opusculo sobre a questão portugueza da epocha: preço 160 rs.

Anónimo — Noticia veridica dos acontecimentos do cerco do Porto em 1832 a 1833: vida e acções de D. Pedro e dos heroes liberaes desde os feitos das ilhas dos Açores: Pernambuco, 1841, 8.^o gr., obra rara entre nós: preço 600 rs. (5)